

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

ESCOLA PARA QUÊ? UMA REFLEXÃO SOBRE O CARÁTER FORMATIVO E HUMANIZADOR DA ESCOLA¹
SCHOOL FOR WHAT? A REFLECTION ON THE FORMATIVE AND HUMANIZING CHARACTER OF SCHOOL

Elisa Isabel Schäffel², Leandro De Godoy³

¹ Projeto de pesquisa realizado no curso de Letras da Unijuí

² Aluna do curso de Letras da Unijuí, bolsista PIBIC/UNIJUI

³ Aluno do curso de Letras da Unijuí, bolsista PIBIC/UNIJUI

INTRODUÇÃO

A escola sempre foi alvo de ataques, críticas e acusações; entre as principais está a sua suposta falha em preparar o aluno para a sociedade, e a falta de pragmatismo nos currículos. Aliadas a isso estão vozes que questionam o porquê de sua existência, e outras, inclusive, já decretaram sua inevitável extinção. Para Masschelein e Simons (2015) muitas dessas acusações feitas contra a escola são fruto de um medo inveterado em relação a uma característica essencial da escola, a de oferecer “tempo livre”.

Nessa perspectiva, o presente trabalho surge da necessidade de refletir sobre os rumos da educação e sobre o futuro da escola. Os estudos e reflexões aqui apresentados são fruto e têm como subsídios teóricos textos estudados no grupo de estudos temáticos *Paideia: Educação e Formação Humana nas interfaces do ensino, pesquisa e extensão*, do Departamento de Humanidades e Educação da Unijuí. O *Paideia* constitui-se como um espaço de estudo para problematização e socialização de reflexões acerca da educação e formação humana, fortalecendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão e potencializando as atividades dos grupos que compõem este grupo temático, a saber: *Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio -GPEI* e *Grupo de Extensão Escola, Currículo, Conhecimento: práticas integradas e integradoras*.

Diante desse contexto, temos o compromisso de debruçarmo-nos em estudos, pesquisas e reflexões que abordam o mundo escolar e a formação, problematizando compreensões e renovando conhecimentos, com o objetivo de renovar também a prática docente e escolar. É a esse propósito que o presente trabalho serve.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para o presente trabalho foi de revisão bibliográfica de textos e livros utilizados nos estudos do *Paideia*, tendo como mote principal a obra *Em defesa da escola: uma questão pública*, de Jan Masschelein e Maarten Simons (2015), além de outros autores, tais quais Savater (2012) Flickinger (2010) e Rodrigues (2001).

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das ideias comuns que se tem sobre a escola, é a de que ela é uma inicialização dos jovens numa dada sociedade e sua cultura, todavia, é contrastante com esta ideia o objetivo primeiro que se teve quando se criou a escola na *polis* grega. A partir do momento de sua criação, não era mais a raça ou a origem de alguém que determinava qual seria sua ocupação na sociedade. A escola não era uma continuação dos hábitos daquela sociedade, mas sim uma suspensão do que ali se vivia, permitindo a inserção dos jovens em um novo contexto. Conforme Masschelein e Simons:

“Os alunos são tirados de seu mundo e levados a entrar num novo. Assim, de um lado da moeda, há uma suspensão, isto é, uma interpretação inoperável, uma libertação. Do outro lado, há um movimento positivo: a escola como presente e meio termo, um lugar e um tempo para possibilidades e liberdade.” (2015, p.39)

A escola acabou com os privilégios da elite, e, em seu contexto de criação constitui-se democrática por oferecer tempo livre para todos, além de tornar o mundo um lugar público e oportunizar a renovação desse mundo. O tempo livre designa o tempo não produtivo, um tempo destinado ao estudo, a reunir os jovens em torno de um bem comum. É preciso afastar as crianças do mundo onde tudo tem uma função e uma intenção estabelecidas. A escola é o conhecimento pelo conhecimento, onde a aprendizagem não tem uma finalidade imediata.

Quando o aluno é afastado de seu ambiente cotidiano, afastado do confronto com este mundo, promove-se o surgimento de um “novo aluno”, com um novo posicionamento diante desse mundo. Esse processo de renovação, essa alteração que ocorre no íntimo chama-se formação. A formação exige sair de si mesmo, transcender-se. Portanto, a formação não diz respeito apenas à sala de aula e ao professor, e nem se restringe a esse meio e ao que ali acontece.

“Entendemos a formação não como um tipo de atividade auxiliar da escola; como algo que ocorre fora das matérias de estudo atuais e que tem a ver com os valores de um ou outro projeto educacional. Em vez disso, a formação tem a ver com a orientação dos alunos para o mundo como ele é construído para existir no sujeito ou na matéria, e essa orientação diz respeito, principalmente, à atenção e ao interesse para com o mundo e, igualmente, à atenção e ao interesse para com a própria pessoa em relação ao mundo.” (MASSCHELEIN e SIMONS, 2015, p. 47)

A formação como a entendem Masschelein e Simons (2015) aproxima-se da ideia que outros estudiosos defendem, como Flickinger (2010), que apresenta a formação como *Bildung*, um projeto que é centrado no ser humano. Flickinger contextualiza a problemática da formação no atual cenário socioeconômico, que gira em torno do trabalho e se orienta pelas exigências econômicas, obliterando as necessidades humanas. Neste contexto, importa mais a qualificação que a formação, onde o sistema em vigor “aplica a maior parte de seus esforços na adequação dos jovens à racionalidade instrumental como fio condutor da sociabilidade” (FLICKINGER, 2010, p. 187).

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

A formação integral do sujeito passa a ser concretizada então em situações não formais, as quais são reprimidas pelo sistema formal da educação, que não considera a autenticidade desses processos não e preocupa-se exclusivamente com o aperfeiçoamento da capacidade profissional. Para Flickinger, levar o conceito de *Bildung* a sério implica considerar esses contextos não formais, uma vez que a formação abrange “o ser humano na sua íntegra e não somente como elemento funcional em um sistema por ele vivido como um mundo a ele impingido” (FLINCKINGER, 2015, p. 193). A *Bildung*, portanto é a formação máxima do homem e pressupõe a sua autonomia e autodesenvolvimento. A formação integral do homem não é algo dado, ou algo construído externamente ao indivíduo, por processos escolares, por exemplo, apesar de precisar destes para se realizar. A formação conforme a entendemos aqui, é tão inerente ao homem, quando a sua humanidade, e o que ambas têm em comum, é precisarem ser construídas, tanto por processos externos, como, e excepcionalmente, por um desenvolvimento interno.

Quando se pensa em humanidade é racional pensar, claro, em seres humanos. São duas ideias que parecem indissociavelmente ligadas, se alguém é um ser humano logo é humano. Porém pode não ser bem assim, pois, segundo Savater “nascemos humanos, mas isso não basta: temos também que chegar a sê-lo.” (SAVATER, 2012, p. 24). Ou seja, a humanização é um processo, do qual os seres humanos participam desde o momento que nascem. É importante lembrar novamente Savater quando ele afirma que

[...] a humanidade plena não é simplesmente algo biológico, uma determinação geneticamente programada como a que faz as alcachofras serem alcachofras e os polvos serem polvos. Os outros seres vivos já nascem sendo o que definitivamente são, o que serão irremediavelmente, aconteça o que acontecer, ao passo de nós, humanos, o que parece mais prudente dizer é que nascemos para a humanidade. (SAVATER, 2012, p. 30)

O ser humano, dessa forma, torna-se humano não unicamente por uma imposição genética, que o faz pertencer à espécie, para sê-lo em plenitude é necessário o contato e interação com as gerações mais antigas que o inserem na cultura humana. Todavia, ao contrário dos demais seres que, inexoravelmente, terão que ser o que sua condição biológica determina, o ser humano pode não chegar a ser humanizado, para tanto, basta privá-lo do contato com seus semelhantes.

A humanização do homem está intimamente ligada com a sua formação integral, de maneira que uma precisa da outra para realizar-se plenamente. Para concretizar essa reflexão dialogamos com as ideias de Neidson Rodrigues (2001), que defende a vinculação entre a educação e a formação. O ser humano, após seu nascimento, precisa adquirir uma nova condição para poder existir e atuar no mundo da cultura. Essa condição é a sua formação, sua efetiva constituição como humano. Os conhecimentos e habilidades a que se tem acesso na escola fazem parte desse processo de formação, todavia não constituem a totalidade desse processo.

De acordo com Rodrigues, a formação humana é resultado de um ato intencional de transformar uma criatura biológica em um ser de cultura, a esse ato chama-se educação. Ao fazer essa afirmativa, cita Kant (1974) para o qual “o homem é a única criatura que precisa ser educada”

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

sendo que “o homem não pode tornar-se homem senão pela educação”. A educação, como sendo um ato intencional é externa ao indivíduo, mas jamais se reduz a isso, pois é também interna, ao necessitar que os meios intelectuais do indivíduo sejam acionados para que ele seja capaz de assumir as suas potencialidades e posteriormente dar continuidade à sua formação, uma vez que

“educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais, para conduzir a continuidade de sua própria formação. Esta é uma das condições para que ele se construa como sujeito livre e independente daqueles que o estão gerando como ser humano. A educação possibilita a cada indivíduo que adquira a capacidade de auto conduzir o seu próprio processo formativo”. (RODRIGUES, 2001, p. 241)

A presente ideia sobre o processo formativo humano e sobre em que constitui a educação escolar afasta-se notadamente da visão pragmática e utilitária que a educação e o escolar passou a ter nos tempos modernos. Sendo assim, a escola precisará transformar-se em um lugar não apenas de escolarização, mas também em um lugar de formação humana e de sujeitos.

O ato de educar, então, se torna um ato humanizador, na medida que através dele também são transmitidos, e compartilhados, conhecimentos, experiências e habilidades, e isso pelo contatos e interação com outros indivíduos. Ao educar, o educador apresenta o aluno a vasta produção humana, fazendo-o perceber que a humanidade não se iniciou com ele, e continuará existindo, após ele próprio não mais existir.

A educação compreende mais que adquirir e produzir conhecimentos e habilidades, compreende todas as formas de percepção do mundo, de autoconhecimento, de capacitação material, mas também intelectual, é preciso uma formação completa para que o homem possa existir como um ser completo e relacionar-se com os outros homens. A educação deve formar corpo e espírito e não separar as parcelas do todo. (RODRIGUES, 2001)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um artifício criado para preparar as gerações futuras para a sociedade (ou humanidade?) e é um dos lugares possíveis de se obter conhecimento. Porém, o que diferencia a escola de outros lugares e instituições que também podem fornecê-lo é a sua especificidade. Ou seja, o conhecimento que a escola pode proporcionar aos indivíduos, dificilmente seriam disponibilizados em outro lugar, isso porque a escola oferece, ou deveria oferecer, o que MASSCHELEIN e SIMONS chamam de “tempo livre”. Os autores apresentam esse conceito como uma “tradução para a palavra grega *skholé*, isto é, tempo livre para o estudo e a prática oferecida às pessoas que não tinham nenhum direito a ele de acordo com a ordem arcaica vigente na época” (MASSCHELEIN e SIMONS 2015, p. 9). Dessa forma pode-se afirmar que a escola nasceu da necessidade de democratização do conhecimento, que antes dela, era privilégio de uma pequena

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

classe privilegiada.

A escola oferece “tempo livre” e transforma o conhecimento e as habilidades em “bens comuns”, e, portanto, tem o *potencial* para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar [...] o mundo. (MASSCHELEIN e SMONS, 2015, p. 11)

Ou seja, a escola existe, dentre outros motivos, para proporcionar esse tempo as novas gerações, no qual, deslocados da sua realidade diária, e suspensos de sua vida cotidiana, os estudantes terão o “tempo livre” para o conhecimento e prática refletida, sem o compromisso do “para quê” irá servir, ou no que o utilizarão, mas sim o conhecimento por si só, tornando-se ele não mais um privilégio de poucos, mas um direito de todos.

Palavras-chave: educação; formação; tempo-livre;

Keywords: education; formation; free time;

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos integrantes do grupo de estudos temáticos *Paideia: Educação e Formação Humana nas interfaces do ensino, pesquisa e extensão*, que muito contribuíram para a elaboração deste trabalho através dos estudos e discussões. Agradecemos também à UNIJUI pelas horas disponibilizadas à pesquisa através dos programas PIBIC, PIBID e PIBEX.

REFERÊNCIAS

FLINCKINGER, Hans-Georg. A dinâmica do conceito de formação (Bildung) na atualidade. In: **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas: Autores Associados, 2010.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: Uma questão pública**. 2 eds.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RODRIGUES, Neidson. “Educação: da formação humana à construção do sujeito ético”. In: **Educação e sociedade**: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade, nº 76. Campinas: CEDES, 2001.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. 2 eds.; São Paulo: Planeta, 2012.